



Elvira Boni - militante anarquista do princípio do século

ANO 8 - Nº 82 - MAR/98

LIBERDADE

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Participação da ASSOC. em PROL do PENSAMENTO LIBERTÁRIO (APPL; CP 053; CEP 40001-970; Salvador/BA), CENTRO de CULTURA SOCIAL (CCS/SP CP 2066; CEP 01060-970; São Paulo/SP) e da ORGANIZAÇÃO SOCIALISTA LIBERTÁRIA (OSL, endereços na página 4).

MULHER E IGUALDADE

Tudo é absorvido pela mídia e, como era esperado, o dia 8 de março, o dia da mulher, foi apresentado em jornais e tevês de modo superficial, asséptico, com lindos versos, com imagens prontas de belas artistas que se destacaram nos últimos meses. Mas esta questão não é superficial e o pior é que está dentro da gente, em nossos sentimentos, em nossos comportamentos, na família, no trabalho, na educação que tivemos, na educação que passamos para as próximas gerações. Nosso dia-a-dia passa, e que passe. Mas para que nossas idas e vindas resultem em algum crescimento, precisamos não deixar passar sem comentários algumas questões, e em função da data, a questão da mulher.

Para toda a minoria que é discriminada pela sociedade, é importante a união e a luta por seus direitos. Ai já começa um problema, pois quando nos unimos e levantamos as questões, com o objetivo de apontar e solucionar um conflito já existente, muitas vezes, quem está de fora, especialmente quem se sente ameaçado com esta postura, se levanta contra. E mais conflitos são criados. Na questão da mulher, acontece de, tanto o homem, como as próprias mulheres, se esquecerem de que não estão lutando uns contra os outros, mas visando alcançar a igualdade de direitos e deveres.

Obviamente que as pessoas são diferentes. E igualdade de direitos e deveres não implica terem que agir da mesma forma. A igualdade começa pelo respeito mútuo, pelo mesmo direito de ser feliz e ter prazer, pelo direito que se tem de optar, escolher, ouvir e ser ouvido, dividir as tarefas, as tristezas e as alegrias.

Também é importante analisar a dificuldade que as pessoas têm hoje em se unir, independentemente do motivo. Cada um se preocupa com seu próprio umbigo. Caminhamos como cavalos com antolhos. E este individualismo é tão presente que não podemos nem criticar, é uma postura que está sendo imposta à humanidade. A culpa deste individualismo generalizado, sabemos, é do modo capitalista, que atinge da mesma forma homens e mulheres. Respiramos capital, vivemos capital. E, também a questão da mulher está mesclada de capital. Acontece que as mulheres que conseguem se posicionar no mercado de trabalho, de modo geral conseguem ter suas posições e necessidades mais bem aceitas e atendidas do que as que ficam em casa ou não conseguem uma boa situação e educação. Por isso as mulheres caem, junto com outras minorias, no famoso paradigma de que vencer na vida é agir como age quem está no poder, invariavelmente dominador, autoritário, explorador e destruidor. Porque, é verdade, quem ganha bem e abre a plumagem, é respeitado. E quem não quer ser respeitado, e viver bem e com mordomia? Isso resulta em que a mulher lute para se igualar ao homem autoritário, mas esquece da luta maior que é a luta pela igualdade de direitos e deveres para todos.



Outro aspecto importante a ser analisado, se refere aos grupos que se formam na luta contra as discriminações, ou a favor de seus direitos. Muitas vezes estes grupos aparecem com um discurso em torno da igualdade, apontando os preconceitos e arrochos a que estão sendo submetidos, mas acabam criando burocracias, hierarquias, segregações, autoritarismo. E muitas vezes presenciamos palavras como solidariedade e igualdade serem ditas para justificar a união de um grupo e a distribuição de tarefas, mas, em vez de avançarem em direção à verdadeira igualdade de direitos e deveres, são criadas estruturas internas e subgrupos que se dizem revolucionários mas, na verdade, almejam controlar, ditar as regras. Ou seja, dentro do próprio grupo são criadas diferenciações.

Muitas vezes o indivíduo, ou grupos, ou organizações têm dificuldade em sair de seu mundinho e acabam presos em preconceitos individuais ou criando pequenas violentas *gangs* que brigam entre si.

Em geral, a mídia critica as utopias. Incorporam à palavra utopia o sentido de irre realidade, fantasia, quimera. Ridicularizam as utopias e focalizam apenas o agora, o presente. Entretanto, utopia significa ter um objetivo, e o que está faltando, não só para o indivíduo, ou para as comunidades, mas para toda a humanidade, é justamente uma visão de conjunto e um objetivo maior. Criticam as utopias, mas hoje, em meio a tanta violência e miséria, a beleza do mundo está justamente na beleza das utopias. Sem objetivo não se consegue traçar o rumo.

O anarquismo - que significa sem hierarquia, sem dominantes ou dominados - procura a igualdade de direitos total da humanidade, a solidariedade total, o respeito ao ser humano. Aponta as discriminações a fim de mostrar a necessidade da igualdade. Direito à saúde, à educação, ao lazer, ao ofício, ao abrigo, ao prazer. Direito de ser gente, de se respeitado, direito a ser diferente, direito à igualdade de direitos.

Por falar em anarquismo e em mulheres, não podemos deixar de citar algumas das mulheres anarquistas que se destacaram neste século, de leitura indispensável, como Emma Goldman, Maria Lacerda de Moura e Louise Michel.

As mulheres, os negros, os sem-terra, os desempregados, os subempregados, os deficientes, os miseráveis, assim como toda e qualquer minoria têm que se defender ou serem defendidos. A luta tem que persistir e, se ainda não existe, que seja erguida. Mas, sem transformar qualquer minoria em grupo fechado, porque o objetivo é a humanidade livre, sem barreiras, igualdade de direitos e deveres, saúde, educação e justiça igual para todos, dignidade para o povo. E quando se vê este objetivo maior que engloba toda a humanidade, se entende que a luta contra as segregações, contra os preconceitos, é uma luta de todos, e não apenas das minorias discriminadas. Porque enquanto houver discriminação, não haverá igualdade e liberdade.

nas bocas

“Todos os pecados são tentativas de preencher vazios.”

Simone Weil

A MULHER NO CONTEXTO ATUAL

O dia 8 de março nos trás à memória, para a nossa reflexão (ou pelo menos deveria trazer), a luta das mulheres operárias de uma indústria têxtil, que neste dia, em meados do século XIX, morreram queimadas ao ocuparem a fábrica, numa greve contra a exploração patronal. O absurdo é aceitarmos o que o capitalismo faz com esta data, colocando-a como comemorativa, deturpando-a com seus "modelitos" de batom vermelho e perfume francês, vendendo-nos como um produto de consumo, com características de sexo frágil. É revoltante!!! Pois esta data tem que ser lembrada e refletida para, principalmente, pensarmos em nossa situação atual e continuarmos a luta dessas companheiras que deixaram para nós um exemplo, onde nós não podemos ficar passivas/os diante da exploração, tanto de nosso trabalho braçal, como de nosso corpo como produto de sexo.

Assim como aquelas companheiras, muitas outras mulheres lutaram contra o autoritarismo em diferentes países, dentre elas podemos citar Emma Goldman, Maria Lacerda de Moura, Louise Michel, Federica de Montseni, Elvira Boni e suas companheiras costureiras e chapeleiras, e muitas outras que viveram e morreram pelejando.

Boa parte dessas operárias morreram lutando contra a jornada de 16 horas diárias de trabalho e por melhores condições de trabalho, que com o suor de suas lutas junto com os companheiros, conseguiram mais tarde que a jornada fosse reduzida para 8 horas diárias de trabalho. Mas sabemos muito bem que o que essas companheiras e companheiros queriam não era só apenas a redução de seu tempo de trabalho e melhores condições de trabalho, mas também o fim desse sistema capitalista injusto e criminoso.

Analisando a situação atual, além de nosso salário ser uma vergonha (e diga-se de passagem, sempre foi), o desemprego aumentou absurdamente e as condições de trabalho continuam péssimas, apesar de terem havido algumas conquistas neste campo. Bom, se formos ver a situação da mulher neste contexto, a coisa se agrava mais ainda, pois além de ser explorada pelo patrão e/ou patroa em seu emprego, chega em casa (no fim do dia) e ainda tem que cuidar da casa, sem dividir o trabalho doméstico com seu companheiro, sujeitando-se assim, a uma dupla jornada de trabalho.

Outra opressão que a mulher sofre é o assédio sexual e toda perversão que o capitalismo alimenta com seu machismo, onde produz o sexismo na mente das pessoas através de revistas, jornais, TV's enfim, todos os meios de comunicação.

São geradas assim, condições propícias para os crimes de estupro, de "defesa da honra", escravidão sexual, prostituição forçada e todas as violências praticadas contra a mulher.

Em ambientes de trabalho podemos comprovar isso tudo, sendo este um retrato de toda uma sociedade baseada na competição, no lucro, corpo sendo tratado como produto de consumo: **Uma sociedade baseada na exploração.**

Como já foi dito, atualmente o desemprego tem aumentado assustadoramente pois, em meio a essa política neoliberal de globalização, com sua ideologia de "qualificação de pessoal", @ trabalhador/a tem que demonstrar um certo nível de qualificação como, por exemplo, a capacidade para manejar uma máquina computadorizada de última geração. Juntamente com isso, a maior parte da população não tem acesso ao ensino fundamental, imaginem à informática... Com o discurso de que é necessário se fazer um "enxugamento nas empresas", os empresários despedem milhares de trabalhadores/as em troca de máquinas, em nome da "qualidade do produto", ou melhor, em nome de seus lucros. Esta situação é difícil para tod@s, homens e mulheres, mas, se formos analisar em meio a essa conjuntura, os monstros movidos a lucro despedem preferencialmente as mulheres, por essas possuírem útero, pelo fato de poderem engravidar e tirar a licença maternidade tão arduamente conquistada.

É companheiras, dentro dessa conjuntura se nós não nos organizarmos para combater o capitalismo, o machismo e o sexismo, vamos acabar sendo engolidas. Devemos dar nosso grito de revolta diante desse cenário de barbárie. Vamos dar continuidade a luta dessas verdadeiras heroínas, como as companheiras operárias daquele 8 de março, que lutaram até o final de suas vidas por um ideal de transformação social, de transformação de suas vidas e pela igualdade socioeconômica. Para isso, temos que nos unir e construir a nossa dignidade com as nossas próprias mãos, e não delegar a outr@ que faça isso para nós. Sabemos muito bem que esse método não adianta e nunca irá adiantar.

Vamos à luta companheiras!!!

Mutirão - OSL
(Rio de Janeiro/RJ)

O direito ao voto ou à igualdade civil podem ser reivindicações justas, mas a verdadeira emancipação não começa na cabine de voto, nem nos tribunais. Começa na cabeça de cada mulher. A história nos ensina que toda classe oprimida só se liberta de seus senhores por suas próprias mãos. É preciso que as mulheres aprendam essa lição, que compreendam que os limites para sua liberdade estão nas suas forças. Daí porque é muito mais importante começar em si própria, libertando-se do peso dos preconceitos e das normas seculares.

Emma Goldman

Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10
Liberas (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal.)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.

Margarita Ortega

A grande luta por Terra e Liberdade no México

Como outros grupos revolucionários - zapatistas, villistas e etc - o movimento anarquista da México, encabeçado pelo *Partido Liberal Mexicano*, havia lançado-se às armas contra a brutal ditadura do general Porfirio Díaz. Com a luta e sob terrível repressão, a influência das idéias anarquistas de Magón e seus companheiros estendia-se cada vez com maior força no seio das sociedades camponesas e operárias do norte do México e Baixa Califórnia, do mesmo modo que no sul acontecia a rebelião zapatista.

No início de 1911 uma das pessoas encarregadas do contato entre combatentes libertários magonistas era uma mulher: Margarita Ortega. Sua arriscada tarefa consistia em atravessar as linhas inimigas guiando os grupos que transportavam as armas, viveres e medicamentos até as agrupações que estavam armadas, e que viviam escondidas nas montanhas ou misturadas nas cidades e vilas. Sua valentia em combate e sua habilidade como amazona - que lhe permitiram escapar de várias emboscadas -, era proverbial entre os guerrilheiros.

A história daquela extraordinária mulher, que aparecia em canções populares, era bem conhecida e admirada entre os revolucionários. Ainda que filha de uma família estabelecida, desde de muito cedo preocupou-se com o destino dos trabalhadores e, como ela dizia, dos deserdados, vítimas da injustiça social. Seus familiares - que aspiravam fazer parte da burguesia endinheirada - não só rechaçavam as idéias que a filha tinha, como se vê nas músicas, mas odiavam e repudiavam sua atitude. E nessa ambiente, Margarita se casou e em pouco tempo, deu a luz a uma filha que pôs o nome de Rosaura e devotará a ela um grande afeto.

Durante a infância de Rosaura, a mãe se vinculou ao movimento anarquista de Flores Magón. Desde o primeiro momento desenvolveu uma atividade organizativa extraordinária que lhe valeu a confiança dos grupos clandestinos. Mas a medida que chegava o fim da sangrenta ditadura, a luta tornava-se mais dura. Em princípios de 1911, alguns meses antes da queda do ditador, Margarita - segundo o próprio Magón - propôs ao marido irem juntos combater na guerrilha: *Eu te amo - ela disse -, mas amo também a todos que sofrem e pelos quais luto e arrisco minha vida. Não quero ver mais homens e mulheres dando sua força, saúde, inteligência, seu futuro para enriquecer os burgueses; não quero que por mais tempo haja homens mandando em outros homens*. O marido negou-se. Então Margarita dirigiu-se a sua jovem filha, Rosaura Gortari: *E você, minha filha, está disposta a me seguir ou prefere ficar com a família?* Rosaura não duvidou em seguir a sua mãe e ambas ingressaram como combatentes nos grupos armados. Quando em 21 de Maio de 1911 cai Porfirio Díaz, uma explosão de alegria sacode todo o México. O povo - aquele imenso gentio de deserdados que havia levado com coragem férrea a dura guerra - saiu a rua acreditando que a liberdade e o fim da miséria estavam ao alcance da mão. Também Margarita Ortega e sua filha regressaram a cidade e compartilharam com sua gente a ingênua ilusão de que o fim da exploração estava próximo.

Entretanto, pouco durou a alegria e a esperança. Uma vez que Madero foi nomeado presidente, ele nega ao povo tudo aquilo porquê havia lutado. Não acontece a reforma agrária, nem a devolução das terras comunais. E nas oficinas continuam as jornadas abusivas e salários infames. Os mineiros permanecem escravizados aos interesses das companhias estrangeiras que saqueiam o país... Em poucos meses, as prisões se enchem de novo. Os fuzilamentos e execuções sumárias se sucedem por todo o país e muitos revolucionários têm que retornar às montanhas. Entre eles Zapata, Flores Magón... Margarita e sua filha Rosaura.

Naqueles dias, em um dos atos de crueldade aos que tão afeccionados são governadores e militares, o general Rodolfo

Gallegos ordenou que se levasse as duas mulheres: *até o deserto e as colocasse em marcha sobre o imenso areal, debaixo de um sol abrasador, sem água, sem alimentos e a pé, com a advertência de que seriam passadas pelas armas se voltassem ao povoado*.

Durante vários dias, mãe e filha arrastaram-se por aquele imenso areal, que fazia fronteira com os Estados Unidos. A sede e a fome foram minando a resistência de ambas. Rosaura, a menina, foi a primeira a cair exausta com os lábios inchados e o rosto queimado. A mãe, ao vê-la cair desmaiada e com os olhos fechados, acreditou que tudo havia terminado decidindo assim suicidar-se, mais ao apontar o revólver para a cabeça viu que a filha a observava. Tirando forças sabe-se lá de onde conseguiram alcançar as cercanias do povoado de Yuma, já nos EUA.

Ainda não recuperadas do sofrimento, os inspetores da imigração norte-americana arrastaram as duas mulheres e pretendiam deportá-las para o México, entregando-as a uma morte certa. Afortunadamente, em Yuma havia uma importante seção do movimento anarquista de Flores Magón que, em seguida, organizou a fuga. Margarita e sua filha, - que todavia não haviam superado as penalidades vividas no deserto - foram transferidas pelos compatriotas magonistas para Phoenix, Arizona, trocando seus nomes respectivos por os de Maria Valdés e Josefina. Entretanto, apesar dos cuidados da mãe e dos companheiros a pequena Rosaura não pode salvar-se, falecendo logo que chegou. Durante algum tempo a mãe pareceu desesperar-se mas, com o passar dos dias, tendo os olhos dirigidos para a terrível fronteira que havia levado a sua filha, pouco a pouco foi reanimando-se em Margarita a necessidade de continuar a luta que havia iniciado com a sua querida filha. De algum modo, Rosaura continuaria vivendo nela, se manteria a esperança em um ideal comum. Assim o fez. *Com o companheiro Natividad Cortés - conta Flores Magón - empreendeu a tarefa de organizar o movimento revolucionário no norte de Sonora, tendo como base de operações o vilarejo de Sonoyta, do dito estado*.

Mas a tragédia a perseguia sob o nome do general Rodolfo Gallegos, agora partidário do novo chefe Carranza e contra o ditador Huerta que havia assassinado Madero e ocupado o cargo de presidente da República. Em outubro de 1913, Gallegos havia sido encarregado por Carranza de vigiar a fronteira e cumprindo este trabalho policial, em uma triste casualidade, pôs as mãos nos anarquistas. Natividad Cortés foi fuzilado no ato, e Margarita levada prisioneira até a Baixa Califórnia, onde Gallegos mandou deixá-la em um lugar que forçosamente seria vista e aprisionada pelos hueristas, deixando a esses a tarefa de assassina-la.

Apenas um mês mais tarde, em 20 de novembro, Margarita foi entregue as tropas do ditador Huerta. Em um campo próximo a Mexicali. Submetida a tortura para que delatasse os companheiros que lutavam contra a nova ditadura e que sustentavam a organização anarquista clandestina, Margarita resistiu em silêncio. Durante quatro dias a obrigaram a ficar de pé e quando caía a levantavam por meio de chutes e coronhadas. Diante de seu obstinado silêncio, na manhã de 24 de novembro a jogaram no deserto e ali a fuzilaram, deixando seu cadáver estirado.

No ano seguinte chegada a brutal notícia ao conhecimento de Flores Magón, este escreve uma dolorida crônica - que serviu de base para estes apontamentos - que segue, passo a passo, o terrível, enérgico testemunho desta mulher indomável, que será como uma premunição de si mesma.

M. Genofonte

Texto livremente traduzido pelo Coletivo Editoria do Libera..., da revista *La Campana* números 58 e 59 (Pontevedra, Galicia)

Maria Bruguera

Quando conheci Maria Bruguera, há cerca de dez anos, apenas pude suspeitar que aquela frágil figura, entregue com energia e ilusão incansáveis ao grupo *Mujeres Libertarias*, escondia uma vida temperada por golpes terríveis. Se alguém fez frente à crueldade com decisão solitária imbatível, essa pessoa foi Maria Bruguera. O destino em seu caso, filho da brutalidade fascista, não lhe causou nenhum sofrimento, o menor dos quais a quase todos teria abatido.

A 6 de novembro de 1913, nasceu Maria em Jerez de los Caballeros, na província de Badajoz para onde sua família, originária de Pala-frugell (Gerona), se havia trasferido para trabalhar na indústria da cortiça. O pai, em contato com os grupos anarquistas extremos e andaluzes, participou do movimento libertário da região, sendo detido várias vezes. Nesse ambiente de militância e repressão cresceu Maria, que chegou a participar de um grupo de teatro formado por mulheres. Constituídas as *Juventudes Libertarias* na sua cidade, Maria se integrou imediatamente.

Quando em julho de 1936 ocorreu o levante franquista, Maria se encontrava com sua família em Badajóz. Retornaram todos a Jerez e, ante a terrível repressão desencadeada pelas tropas fascistas, tentaram passar a Portugal, de onde os expulsou a ditadura de Salazar. Durante algum tempo conseguem esconder-se na casa dos pais de seu companheiro, Francisco Torrado, onde Maria dá a luz um menino.

No entanto, os franquistas rastreiam o país, assassinando a todos os militantes sindicalistas e anarquistas que encontravam, pelo que os refugiados decidem tentar de novo a passagem para Portugal.

Quando estão a ponto de atravessar a fronteira junto a numeroso grupo, são descobertos pelos fascistas, que matam quase todos, inclusive sua mãe. Durante oito anos Maria percorrerá a geografia penitenciária espanhola. Em condições terríveis, com uma saúde cada vez mais debilitada, conhecerá os cárceres de Badajoz, Salamanca, Santander e Madri. Nesse tempo, lhe arrebatam o filho, batizando-o à força, e fuzilam o pai, que se havia entregue voluntariamente às forças franquistas com a esperança de encontrar sua família. No fim dos anos 40, Maria saiu do cárcere e, com a saúde debilitada, mudou-se para Madri.

Em Madri se une sentimentalmente à Aureliano Lobo e ambos participam ativamente na reconstrução da CNT durante o período clandestino dos anos 50. Em que pese o incrível esforço organizativo desenvolvido nestes anos, a repressão franquista consegue esmagar o renascer da organização sindical e encarcera centenas de libertários.

Nos últimos anos do franquismo Maria teve que atender a seu companheiro enfermo, que faleceu em 1976. Pouco depois, Maria se reintegra a CNT, passando a trabalhar na reconstrução do coletivo *Mujeres Libertarias* do qual Maria será o verdadeiro motor. Na década de 80, quando a cisão da CNT havia se consumado, Maria teve de lutar contra aqueles que, a partir da obsessão controladora pretendiam menosprezar a independência e autonomia do grupo libertário feminino e a dela mesma. Na grande crise confederal, Maria separada da CNT e ligada à central que depois, a contragosto seu, se chamaria CGT, viu diminuída sua esperança na luta pela continuidade do grupo *Mujeres Libertarias*, até que, em 28 de dezembro de 1992, foi surpreendida pela morte.

M. Genofonte (Pontevedra).

Áurea Quadrado: Uma "Mulher Livre"

Quando a sincera tenacidade e solidariedade parecem escassear, recordar a vida de Áurea Quadrado, militante do agrupamento anarquista *Mujeres Libres*, mostra que as coisas nunca foram fáceis.

Áurea nasceu com o século e, muito jovem, emigrou para Barcelona, onde começou a trabalhar no ramo têxtil. Com 16 anos foi militar no Sindicato Têxtil da CNT, distinguindo-se como uma dirigente muito ativa. Em 1918 era encarregada da comunicação com os presos anarquistas. Em 1925, quando o general Martínez Anido "inventou" a "lei de fugas" e contratou pistoleiros para assassinar dirigentes operários, Áurea, grávida, teve que atravessar sem passaporte a fronteira francesa.

Em 1936, ao estourar a Guerra Civil, os trabalhadores tomam o orfanato *La Maternidad*, até então dirigido por freiras, e fazem diretora Áurea Quadrado, que transformou radicalmente o funcionamento do Centro, apesar do aumento de crianças acolhidas por causa da guerra. *La Maternidad*, agora chamado Luise Michel era, segundo Emma Goldman, o mais perfeito orfanato que havia visto na Europa.

Terminada a guerra, Áurea como tantos milhões de espanhóis teve que fugir, mas o fez dirigindo a evacuação até Perpignan, dos meninos das guardas infantis da *Solidariedade Internacional Antifascista* (SIA). Durante quatro longos dias, teve que atravessar

os Pireneus, várias vezes e sob condições terríveis. Como recordava Domingo Rojas: "Ao sair de Figueiras com três caminhões carregados de meninos, os aviões começaram a metralhar nossos caminhões. Todos corremos e nos atiramos ao solo; só a companheira Áurea tratou de tranquilizar os meninos, dizendo-lhes: *Não se assustem, não acontecer nada, se abaxem e cada um se encolha debaixo de um tronco*. Todos ficamos envergonhados da valentia e integridade que teve sempre Áurea!"

Terminada a evacuação, dedicou sua atividade a ajudar os refugiados, mas sobretudo as crianças. Detida e torturada pela polícia francesa, que buscava o paradeiro de Domingo Rojas, com quem compartilhava a residência, é enviada ao Campo de Concentração de Argelès-sur-Mer.

Da França, embarcou com sua filha e outros refugiados até a República Dominicana, onde viveram em lamentável pobreza. Dali, com a ajuda de outros exilados, conseguiu ir para Cuba, onde puderam se recompor. Em 1943, depois de um breve período em que trabalhou como modista em Havana, foi para Nova York trabalhar na dublagem de filmes espanhóis. Pouco tempo depois foi para o México onde colaborou com grupos e publicações anarquistas, como *Tierra y Libertad*. Em 1953, mesmo os anos do México sendo mais sossegados, Áurea adoeceu e, por fim, perdeu a memória. Seus familiares a trouxeram à Espanha para passar seus últimos dias. Morreu em 1969, sem haver recobrado a memória.

M. Genofonte (Pontevedra)

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO DE JANEIRO/RJ * CONTRASTE. CP 23070. CEP 20921-970. RIO DE JANEIRO/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * GRAVIDA. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * UNILIVRE. CP 03668. CEP 70084-970. BRASÍLIA/DF * GAL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * UAF. CP 96809. CEP 28610-970. NOVA FRIBURGO/RJ * GLON. CP 1078. CEP 58001-970. JOÃO PESSOA/PB. * ULM. CP 920. CEP 87010-970. MARINGÁ/PR * FSL. CP 333. CEP 09701-970. SBC/SP. * TOKA. CP 188. CEP 93001-970. SÃO LEOPOLDO/RS * ORG. SOCIALISTA LIBERTÁRIA: MUTIRÃO/OSL. CP 126049. CEP 24240-970. NITERÓI/RJ * OSL/PA. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * ESL/OSL. CP 408. CEP 13012-970. CAMPINAS/SP * FAG/OSL. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * NVN/OSL. CP 11358. CEP 05422-970. SÃO PAULO/SP.

...AMORE MIO